

A Grande Artista

Recontado por Eesha Sardesai

A artista estava de pé diante de sua tela, com a majestosa cidade de Dwarika estendida à sua frente. Seu pincel deslizava e rodopiava de um lado ao outro sobre a tela, cada movimento de seu braço parecia uma dança, cada pincelada era como um tipo próprio de poesia. Através de seus olhos, as casas e templos da cidade ao mesmo tempo aparentavam ser mais grandiosos que na vida real, e mais autenticamente construídos, as histórias em suas paredes lançadas em relevo mais nítido. As pessoas da cidade eram mais bonitas, e também, de alguma forma, mais vividamente reais; cada dobra de suas roupas, cada linha de seus rostos contavam uma fábula de triunfo, de dor, de amor e perda, e de uma vida vivida de fato.

O nome da artista era Chitrlekha, e ela era conhecida por toda a Dwarika. Não havia nada, assim parecia, que ela não pudesse pintar.

Mas então, Chitrlekha tinha plena consciência de seus talentos. Sabia que sua técnica era ímpar, que sua criatividade era incomparável. Sabia que era excepcional – e ansiava por ser ainda mais.

Conforme terminava sua pintura da cidade, aplicando as últimas pinceladas de azuis e dourados em seu céu ensolarado, pensou sobre o que deveria pintar em seguida. O que poderia reproduzir, com linhas e cores, que surpreenderia e inspiraria deslumbramento, que a desafiaria a continuar provando o calibre de sua habilidade? Ela já havia pintado cada canto de Dwarika. Já havia feito os retratos de todos os nobres e da realeza.

Ou — tinha mesmo?

Conforme pensou um pouco mais sobre o assunto, Chitrlekha se deu conta de que *havia* mais alguém que ela ainda tinha que pintar. *Havia* alguém cujo brilho e majestade ela ainda tinha que capturar na tela. E não era ninguém menos que o governador de Dwarika, e de todos os mundos além. Era o próprio Senhor: Shri Krishna.

— Sim, é isso — pensou Chitrlekha. — Se eu puder pintar o Senhor Krishna, então, não haverá mais dúvida. Serei a pintora mais completa em toda esta terra.

Assim, Chitrlekha enrolou sua tela e foi direto para o palácio pedir uma audiência com o Senhor. Depois de algum tempo, os guardas do palácio a deixaram entrar e a conduziram por um corredor largo e arejado até uma das salas. Senhor Krishna estava lá dentro, de pé junto à janela. O sol jorrava pela janela adentro e à sua volta, as penas de pavão em sua coroa estavam definitivamente iridescentes. Havia uma áurea de luz ao seu redor.

O Senhor se virou no momento em que a chegada de Chitrlekha foi anunciada.

— Chitrlekha — ele disse, sorrindo. — A grande artista. Bem-vinda. A que devo essa honra?

— Meu Senhor — disse Chitrlekha. — Vim para perguntar se você me concederia o privilégio de pintar o seu retrato.

Talvez tenha sido uma ilusão ótica provocada pela luz, mas havia alguma coisa na expressão de Krishna que Chitrlekha não podia identificar — um cintilar em seus olhos.

Um instante depois, já não se via mais. E tudo o que Krishna disse foi,

— Com certeza. Você pode começar amanhã.

Empolgada com sua sorte, Chitrlekha correu para casa a fim de se preparar. Voltou na manhã seguinte trazendo tudo que precisava – sua tela, seu cavalete, seus melhores pincéis e tintas. Quando entrou na sala, encontrou Krishna sentado num divã ornamentado, com sua mão repousando sobre uma das extremidades.

— O que você acha? — perguntou Krishna sem se mover. — Esta pose está bem para sua pintura?

— Sim, obrigada, meu Senhor. Está perfeito.

Chitrlekha apoiou seu cavalete e começou a trabalhar.

Seus olhos passavam da tela para Krishna e vice-versa, o pincel em sua mão se movia como uma marionete que respondia a cada nova forma que seus olhos deslumbravam, a cada nova sombra e curva. Chitrlekha continuou pintando assim por várias horas.

Finalmente, ela deu um passo para trás.

— Meu Senhor — ela disse, enxugando a testa. — Estou quase lá. Se for do seu agrado, gostaria de voltar amanhã para terminar a pintura.

— Oh, sim — disse Krishna. — Por favor, volte amanhã.

Portanto, no dia seguinte Chitrlekha retornou e voltou a pintar. Ela estava tão compenetrada para chegar às cores mais adequadas, assim como o tufo de penas de pavão do Senhor, que levou vários minutos para se dar conta de que alguma coisa estava diferente.

O divã – *o divã!* Aquele onde o Senhor Krishna havia se sentado no dia anterior! Havia sumido. Ao invés disso, agora ele estava de pé. E olhava diretamente para Chitrlekha, com um sorriso no rosto.

— Meu Senhor! — exclamou Chitrlekha. — Vejo que você mudou sua pose.

— Sim — disse Krishna tranquilamente. — É melhor você me pintar de pé.

Bem, pensou Chitrlekha, isso é inusitado.

— Mas, meu Senhor — ela disse, — isso significa que terei de começar tudo de novo.

— Oh! — disse Krishna, com seu olhos se abrindo ligeiramente. — Ora, sim, suponho que você terá.

— Eu... eu...sim. Tudo bem, então. Farei isso. — Chitrlekha estendeu a mão em busca de uma outra tela, tentando, sem sucesso, disfarçar sua confusão.

Então deu um suspiro profundo e mais uma vez começou a pintar. Minutos depois, ela já estava de volta naquele lugar que lhe parecia familiar. As cores estavam se harmonizando, os contornos faziam sentido, ela estava captando o detalhe da expressão do Senhor certinh...

Espera. Chitrlekha deu um passo atrás. Era isso que...?

Lentamente, e com uma certa agitação, ela ergueu a cabeça acima da tela. Sem dúvida, a expressão de Krishna havia mudado. Ele não estava mais sorrindo; agora sua expressão estava firme, decidida.

— Meu... meu Senhor — Chitrlekha disse delicadamente.

— Sim, Chitrlekha?

— Sua expressão...

— Ah, sim — Krishna disse. — Eu mudei. Você deve me pintar dessa forma.

Pintar ele desta forma, Chitrlekha repetiu para si mesma. Valentemente ela tentou se recompor. *Não tem importância. Eu posso fazer isso.* Ela acenou para Krishna e pegou seu pincel.

Um momento mais tarde, ela baixou o pincel novamente.

— Meu Senhor! — disse ela.

— Chitrlekha?

— O que *eles* estão fazendo? — Ela apontou para um par de servos robustos que caminhavam lentamente em direção a Krishna, carregando em seus braços uma grande cadeira dourada.

— Meus servos, você quis dizer? — Krishna respondeu. — Eles estão trazendo aquela cadeira para mim.

— Você irá se sentar nessa cadeira, meu Senhor?

— Sim, claro. E você irá me pintar sentado nela.

Chitrlekha arregalou os olhos. Mal podia falar. Ela voltou para a sua paleta, misturou novamente as cores, e — fazer o que? — começou tudo outra vez.

E foi assim por dias, semanas, meses. Chitrlekha chegava à metade em sua pintura, somente para descobrir que outro ajuste era necessário — a expressão do Senhor tinha mudado, ou sua pose, ou eles precisavam mudar para um novo cenário ou um novo objeto de decoração. Chitrlekha usou todas as técnicas que conhecia, todos os estilos de pintura e desenho que tinha aprendido. Nada funcionava. O Senhor se movia, e seu pincel não conseguia antecipar seus movimentos.

Por fim, um dia, quando já não sabia mais o que fazer, ela foi ao encontro do sábio Narada em busca de conselho. Narada era um grande devoto do Senhor.

— Oh, sábio, o que eu faço? — lamentou, depois de contar sua triste história.

Narada olhou para ela com ternura em seus olhos.

— Minha querida Chitrlekha — disse ele gentilmente. — Se você realmente deseja pintar o Senhor, a sua tela tem que estar mais limpa.

[*motif*]

Uma tela mais limpa? As palavras do sábio ressoaram nos ouvidos de Chitrlekha. Ficaram reverberando dentro dela enquanto caminhava lentamente de volta ao palácio para continuar a pintar. *Uma tela mais limpa.*

Seu cavalete estava lá, no mesmo lugar de sempre, e suas tintas e pincéis estavam todos expostos. Desta vez o Senhor estava em pé.

Ela preparou sua tela.

— Você está pronta? — Krishna perguntou.

Chitrlekha parou por um momento.

— Acredito que sim, meu Senhor — disse ela. — Sim, suponho que isso seja um tipo de começo.

— O que você quer dizer, Chitrlekha? — Apesar da pergunta, os olhos do Senhor estavam cheios de sabedoria.

— Eu acho que finalmente entendi, meu Senhor. Eu tenho o seu retrato.

— Você tem agora? — Krishna disse. — Deixe-me ver.

Chitralkha virou a tela em direção a Krishna. Só que — não era uma tela exatamente, ou pelo menos não do tipo que ela estava acostumada a usar. Ao contrário, era uma lâmina de vidro, clara e reflexiva: um espelho.

O Senhor olhou para o seu reflexo no espelho e então virou-se para Chitralkha.

E foi naquele momento — quando os olhos de Chitralkha se encontraram com os olhos do Senhor, quando não havia nada a não ser o fio de ouro invisível conectando o olhar dele com o dela, quando ela sentiu seu senso de ser se dissolvendo nas profundezas insondáveis da compaixão — foi nesse momento que as cores emergiram.

E elas emergiram com uma vitalidade, uma beleza, sutileza e alegria que iam muito além de sua imaginação mais ousadas. Antes, ela podia ver cores, mas agora — *agora* — ela enxergava cores que nunca foram vistas. Antes, ela podia sentir a textura, mas agora a suavidade e a seda eram inseparáveis de seu próprio ser. Ouvia a música do silêncio antes dela se cristalizar em som; e a poesia de sua alma, seu ritmo tão próximo quanto o pulsar do coração, emergiram através dela com uma urgência, uma paixão que não podia ser contida.

E em sua mente Chitralkha dançava, as cores irradiavam de seu peito e a luz jorrava em cascatas sobre ela. Estava ela criando essa pintura, ou era ela própria a pintura? Mal sabia. E pouco se importava.

Chitralkha levou as mãos ao próprio rosto. Ficou surpresa ao encontrar ali sua própria lágrima. Ao piscar os olhos através das lágrimas, a feição do Senhor entrou novamente no foco de seu olhar, brilhante e benevolente como o sol. Ele acenou com a cabeça.

E Chitrlekha, a grande artista, ergueu seu pincel.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.